1.
Introdução

Era 2011 e estávamos pelas primeiras semanas de uma quente Primavera. O calor era tal que aquela tarde de outubro causaria inveja a qualquer primeiro de janeiro carioca. Como não bastasse, nenhuma brisa se fazia notar pelas ruas – através da janela, árvores imóveis como pinturas.

Considerando o quadro pouco convidativo, olhei as horas e tive vontade de telefonar perguntando se ainda viriam. Porém, dado que restavam ainda alguns minutos até o horário combinado, achei melhor ocupar-me conferindo novamente se tudo o que precisaríamos estava arranjado.

E foi assim que preenchi aqueles minutos de espera. Passeei pelos cômodos da casa olhando em todas as direções sem saber dizer ao certo o que buscava. Cozinha: geladeira; sala: DVD, gravadores... Interfone. Conferi as horas e fiquei aliviado por saber que ao menos uma delas já havia chegado. Atendi e pedi que subisse. Sala: DVD, gravadores, cadernos, lápis... Campainha.

Juliana[1] entrou e já foi pedindo mais informações sobre o que faríamos àquela tarde. Expliquei que assistiríamos a um filme sobre o dia a dia de um professor francês em seu ambiente de trabalho para que eu pudesse, posteriormente, gravar nossa discussão a respeito da obra e dos pontos que nos tivessem chamado atenção. Como Juliana pareceu satisfeita com minha resposta, não entrei em detalhes, considerando que seria melhor esperar a chegada de minha outra convidada.

Giselle atrasou-se consideravelmente. Para minha angústia, Juliana decidiu preencher o tempo de espera falando a respeito de algumas questões de seu dia a dia nas duas escolas municipais em que trabalhava. Era como se os dados estivessem escapando entre meus dedos. Fiquei pensando se deveria gravar também aquele momento e, enquanto ela falava, busquei em minha mente

[1] Conforme se lê no Anexo IV deste volume, as professoras, Giselle e Juliana, autorizaram o uso de seus nomes verdadeiros.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1112716/CA

maneiras delicadas de pedir que ela guardasse aquele assunto para "o momento certo". Felizmente, Giselle chegou antes que eu pudesse resolver essa minha primeira questão.

Reunidos na sala, avisei que aquele seria um encontro-ensaio em que eu verificaria a viabilidade de gerar dados para minha pesquisa a partir de discussões que tivéssemos a respeito de determinado(s) filme(s). Já que eu mesmo duvidava do sucesso daquela tarde, procurei ser cauteloso e extremamente enfático sobre o caráter tentativo daquele encontro.

Porém, esse mesmo encontro, outrora chamado de experimental e teste, foi de uma fecundidade surpreendente. A discussão daquele outubro desencadeou uma série de reflexões e pesquisas que convergem – forma e conteúdo – no trabalho que ora escrevo.

Desenhado esse quadro inicial, convido o leitor a realizar comigo uma pequena manobra no tempo. Muito em breve tratarei com mais detalhes a respeito das reflexões e pesquisas que mencionei acima. Contudo, agora peço licença para remontar os caminhos que me levaram àquela tarde para, então, esclarecer o que pretendo nesta pesquisa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1112716/CA

1.1
Refletindo em conjunto

Tendo entrado no curso de Mestrado pensando em pesquisar a respeito das muitas inquietações que a recém-iniciada carreira no magistério público trazia-me, tive a sorte de ingressar em uma disciplina[2] cujo principal objetivo era entender a vida em contextos pedagógicos. Desse modo, naqueles encontros semanais pude conhecer modos de se fazer pesquisa até então desconhecidos por mim.

Foi então que, em meio a tantos debates, discussões em grupos e leituras, um artigo do professor João Antônio Telles chamou minha atenção. *Lying under the Mango Tree*, auto-narrativa de Telles (1998), abriu meus olhos para a peculiar beleza estética e grande potencial reflexivo dessa forma de escrita acadêmica que eu até ali ignorava. O autor apresenta a auto-narrativa – compreendida como

[2] LET 2442 Questões Teórico-Metodológicas na Pesquisa em Estudos da Linguagem.

possibilidade de estudo no campo da pesquisa qualitativa – como lócus possível de reflexão crítica sobre a prática pedagógica. Para isso, deitado à sombra de sua própria história, Telles (1998) revisita eventos contados em sua tese de doutoramento, ponderando sobre seu(s) sentido(s) e buscando explicitar/entender de que maneira experiências vividas em diferentes momentos de sua trajetória relacionam-se com sua prática e postura pedagógicas.

Acreditando ser aquele um caminho possível para o desenvolvimento de meu percurso no Mestrado, ainda sem muita leitura a respeito, decidi escrever minha primeira auto-narrativa como monografia final daquela disciplina. Passei a conhecer, no processo de preparação para a escrita daquele trabalho, o que havia para além da auto-narrativa. Fui de uma leitura a outra, conheci a Pesquisa Educacional com Base nas Artes (Barone & Eisner, 2006) e aprendi que a auto-narrativa era apenas uma de suas muitas facetas.

Ainda muito impressionado com os atributos estéticos daquele tipo de pesquisa, vejo agora que iniciei tal trabalho monográfico sem pensar nas implicações dessa empreitada para minha então incipiente investigação. Escrever uma auto-narrativa não é simplesmente contar histórias. Esse tipo de pesquisa acadêmica diz respeito a uma busca por autoconhecimento através da reflexão sobre as "possíveis consequências dos temas relevantes"[3] (Telles, 1998, p.188, minha tradução) que emergem durante a escrita.

Interessantemente, analisando hoje a monografia escrita já há mais de um ano, percebo com clareza esse poder reflexivo da auto-narrativa. Se dei início ao texto monográfico acreditando que seguiria por um caminho de reflexão solitária, o trecho a seguir, retirado do último capítulo do trabalho, aponta para uma clara mudança de ponto de vista:

> E, se por um lado concluo que não cheguei a (todas as) respostas; por outro, noto admirado que com essa breve incursão pude ver com mais clareza onde moram, de onde vêm as minhas questões.
> Finalmente, certo de que são não as respostas, mas as perguntas a força a impulsionar os grandes movimentos, cheio delas parto em busca de novas e mais distantes paisagens. De forma similar ao que fiz aqui, pensando sempre os conflitos de professores e *trabalhando em parceria com esses profissionais*, espero, em

[3] "potential consequences of the relevant themes" (Telles, 1998, p. 188)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1112716/CA

> próximas empreitadas, poder conhecer e *partilhar* um pouco mais sobre a complexidade e a multifacetada beleza da identidade desse profissional. (Reis, não publicado[A], p.11)

Assim, vi ali nascer uma necessidade de compartilhar minhas questões. Desse modo, um pouco mais certo do trabalho que gostaria de realizar, continuei em busca de conhecimento e respostas.

E foi nesse processo que vi se estreitar a minha relação com a Pesquisa Educacional com Base nas Artes (PEBA). Passados alguns meses, já cursando uma nova disciplina, escrevi um trabalho monográfico em que narro meu caminho em direção à PEBA. Tive, então, a chance de organizar discursivamente todas as leituras que havia realizado a respeito do tema, o que foi crucial para que eu pudesse entender o que a Pesquisa Educacional com Base nas Artes significava para mim. Além disso, foi nessa monografia que narrei meu mergulho na bibliografia da PEBA à procura de um instrumento que me facilitasse o cumprimento de um objetivo: fazer de minha pesquisa uma oportunidade para a reflexão conjunta entre mim e outros professores. No final daquele trabalho monográfico, revelo minha satisfação com os seus resultados:

> É com satisfação que vejo agora que o esforço em organizar esse fluxo de experiências (Riessman, 1993) trouxe luz para minha história com a PEBA. Escrevendo o texto que ora encerro, pude mostrar – também para mim mesmo – como se caracteriza a PEBA, o que me levou a ela e onde a localizo. Além disso, pude finalmente determinar e, principalmente, justificar a postura que pretendo assumir em relação à pesquisa com base nas artes. Certamente esses pequenos acertos de conta são cruciais para um prosseguir mais tranquilo e mais firme. (Reis, não publicado[B], p. 10-11)

Chegamos, assim, a 23 de outubro de 2011.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1112716/CA

1.2
De volta àquela tarde

Tendo o filme acabado, desliguei a TV e informei às meninas que ligaria o gravador. “Ei, peraí! A gente não vai conversar um pouco antes?”. Sorrindo, expliquei à Giselle que não seria necessário, que eu gostaria de registrar justamente a conversa informal – na medida do possível – de três professores a respeito de cenas ou de assuntos abordados no filme. A conversa durou pouco mais de uma hora.

Como contei anteriormente, a estratégia mostrou-se mais produtiva do que eu havia imaginado e o resultado surpreendeu-me completamente. Tendo as imagens do filme ainda muito presentes, conversamos, fizemos referências a cenas e expusemos opiniões e histórias de uma riqueza impressionante. O caráter catártico do encontro ficou evidente quando, após o fim da gravação, Juliana revelou que não gostaria de ouvir o que havia dito.

O momento em que ocorreu essa fala permanece como uma cena difícil de esquecer. Incomodou-me o fato de ela ter querido desligar-se do processo então há pouco iniciado. Afinal, eu pretendia que a discussão registrada fosse analisada pelo grupo para que pudéssemos, a partir daí, entender um pouco mais sobre nós mesmos. Por isso, busquei descobrir seus motivos a fim de, talvez, reaproximá-la da pesquisa que desenvolvíamos. Felizmente, por sugestão de minha orientadora, buscamos soluções de forma conjunta e decidimos que escutaríamos a gravação reunidos novamente em grupo, pois assim, segundo a própria Juliana, todos ficariam mais confortáveis. Todos menos eu.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1112716/CA

1.3
Apreciação dos dados

Acredito que as palavras “desconforto” e “estranhamento” definam bem meus sentimentos ao escutar a conversa que havíamos tido cerca de dois meses antes. Cumprindo o combinado e com o objetivo de realizar uma escuta em iguais condições às de minhas colegas, só voltei a ouvir a discussão quando pudemos nos reunir novamente. Assim, pela distância temporal e/ou pelo fato de eu agora estar em outra posição em relação àquele momento, muitas vezes não me reconheci nem no conteúdo de minhas observações nem na forma como me comportei enquanto participante naquela conversa.

Sem ainda enxergar nuances que só passei a ver com a análise que aqui realizo, à primeira vista fiquei assustado com minha insistência em enfatizar os aspectos negativos de meu dia a dia no trabalho. Além disso, decepcionou-me também o fato de eu muitas vezes ser pouco colaborativo com a entrada de minhas colegas na discussão. Afinal, já que a ideia era realizar uma reflexão conjunta, minha expectativa era de que eu tivesse sido um grande incentivador da fala de minhas colegas.

Nem havia começado a analisar a conversa internamente e questões de seus arredores já se ouviam fortes em minha mente. Intrigava-me, entre outras coisas, o fato de a conversa ter fluído tão bem *apesar* da forma como eu havia me comportado. Tendo chegado a algumas questões, busquei reler obras sobre a PEBA a fim de encontrar respostas. Foi assim que, em pouco tempo e principalmente por intermédio de Allwright ([1991] 2004), fui levado à Prática Exploratória (PE). Esse percurso até a PE, sobre o qual tratarei em detalhes mais adiante, foi discutido em um terceiro trabalho monográfico escrito durante o curso de Mestrado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1112716/CA

1.4
O trabalho atual

Como bem nos diz Riessman (1993), quando narramos ordenamos experiências e damos sentido aos acontecimentos de nossas vidas. Foi isso o que procurei fazer até aqui e é isso o que pretendo fazer ao longo de toda esta dissertação.

Como se viu, em minha primeira auto-narrativa, compreendi que realizaria um trabalho conjunto. Na segunda, pude compreender o que sabia e o que queria da PEBA enquanto melhor caminho para a realização do tipo de reflexão compartilhada a que eu visava. Em um terceiro trabalho monográfico, começo a entender o papel significativo ocupado pela PE[4], direta ou indiretamente, no desenho de minha pesquisa, no processo de geração e apreciação de dados.

Nesse sentido, esta dissertação configura-se como uma continuação do processo iniciado com a leitura de Telles (1998). Nas páginas que seguem, contarei ao leitor e, arrisco dizer, a mim mesmo, a história de como construí esta pesquisa e a mim enquanto pesquisador. (Re)vivendo todo o processo, falarei de êxitos, dúvidas e inquietações que formaram e transformaram pesquisador e pesquisa ao longo de dois anos de trabalho. Assim, além de o próprio processo de escrita deste trabalho constituir-se como parte da pesquisa, a análise tem, em si, dois momentos principais. Primeiramente, procuro entender 1) de que modo nos posicionamos em relação a acontecimentos e a posturas adotadas por personagens do filme e as implicações que tais posicionamentos têm para a construção de nossa própria identidade e a de nossos colegas de profissão; 2) até que ponto minha atuação na conversa teve influências sobre o surgimento, manutenção ou recusa das histórias e tópicos propostos e 3) quais os efeitos de sentido do lamento e da reclamação na conversa. No segundo momento, analiso a forma como a Prática Exploratória esteve presente indiretamente em todas as fases deste trabalho, bem como a maneira pela qual, mais recentemente, a PE iluminou alguns pontos e trouxe alento para minhas inquietações de pesquisador.

[4] Como veremos mais detalhadamente no Capítulo 6 deste volume, a Prática Exploratória é, grosso modo, uma forma altamente inclusiva de se conceber a pesquisa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1112716/CA

Assim, já no capítulo que segue, apresento o aparato teórico que iluminou meus dados e embasou observações realizadas durante a análise. Discutiremos construtos teóricos da Análise da Conversa (Psathas, 1995; West & Zimmerman 2010, et al); com a ajuda de Del Corona (2009), Loder & Jung (2009), Drew & Heritage (1992), Sarangi & Roberts (1999), Miller (2001) entre outros, refletiremos a respeito da conversa sob variados aspectos; e, por fim, pensaremos ainda teorias da Identidade (Bauman, 2005; De Fina, Schiffrin, Bamberg, 2006; Snow, 2001; Bernstein, 1997,1998), do Posicionamento (Moita Lopes, 2009; e Harré, 2004) e da Face (Goffman [1959] 1967 e Brown & Levinson 1978).

No terceiro capítulo, basicamente enumero e descrevo elementos que dizem respeito ao formato desta pesquisa e, por extensão, deste trabalho. É lá que, auxiliado por Richards (2003) e Martins (2004), conto sobre meu contato com a Pesquisa Qualitativa e suas implicações para o trabalho atual. Falo ainda a respeito de meu inusitado encontro com Pesquisa Educacional com Base nas Artes (Telles 1998, 2006; Eisner & Barone, 2006; Eisner, 2008), encontro esse a que se deve muito do que ocorreu nesta pesquisa. Por fim, como não poderia deixar de ser, há uma menção à Linguística Aplicada (Alan Davies, 1999; Moita Lopes, 1996, 2006; Fabrício, 2006). Nessa seção, convido o leitor para uma reflexão sobre a LA e sobre as afinidades existentes entre a PEBA e a Linguística Aplicada.

O quarto capítulo é onde cenários e personagens começam a ganhar traços mais nítidos. Primeiramente, busco identificar esta pesquisa no contexto das pesquisas em Linguística Aplicada. Em seguida, o leitor terá a chance de familiarizar-se um pouco mais com o "onde" e o "quem" desta pesquisa. Apresento o contexto macro em que a pesquisa se insere e chego às personagens desta história, a quem, como o leitor poderá observar, passarei a palavra por alguns instantes. Finalmente, apresento a estrutura em que se dará a análise dos dados.

E então chegamos ao momento que talvez justifique a existência de todos os outros: o capítulo de análise. Lá, busco guiar o leitor por uma volta no tempo até a tarde em que ocorrera a interação analisada e foram gerados os dados do presente trabalho. Em um intenso diálogo com o arcabouço teórico do estudo, revisito excertos daquela interação e busco responder às perguntas colocadas neste

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1112716/CA

capítulo introdutório, bem como a outras questões surgidas ao longo da investigação.

E ainda não terminamos. O capítulo seis vem como um momento pós-análise (ou análise ainda) em que "pontos de tensão" que emergiram no processo são revisitados através de – ou graças a – uma breve imersão na Prática Exploratória. É este o segundo momento da análise a que faço menção acima. Conforme descrevi, neste capítulo procuro mostrar ao leitor e a mim mesmo como a PE esteve presente em diversos momentos desta pesquisa e a razão pela qual, e talvez este seja um dos grandes entendimentos desta pesquisa, acredito que a PE e a PEBA tenham muito a conversar.

No capítulo sete, analiso este trabalho em retrospectiva, refletindo sobre o caminho percorrido e os entendimentos alcançados nesse caminhar.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1112716/CA